

## RELIGIÃO E MÚSICA NO BRASIL: A APROPRIAÇÃO RELIGIOSA DA MÚSICA PROFANA NO CONFLITO RELIGIOSO BRASILEIRO

### RELIGION AND MUSIC IN BRAZIL: THE RELIGIOUS APPROPRIATION OF THE PROFANE MUSIC IN THE BRAZILIAN RELIGIOUS CONFLICT

**Humberto Santos Pereira\***

Doutor em Ciências Sociais/Universidade Federal da Bahia

E-mail: [humbertopereira@yahoo.com.br](mailto:humbertopereira@yahoo.com.br)

Salvador, Bahia, Brasil

---

\*Endereço: Humberto Santos Pereira

Grupo de Pesquisa O Som do Lugar e o Mundo. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia. R. Auristides, 2 - Federação, Salvador - BA, Brasil. CEP: 40210-340.

**Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho**

**Artigo recebido em 01/05/2014. Última versão recebida em 18/05/2014. Aprovado em 19/05/2014.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

## RESUMO

Investiga-se a relação entre religião e música no Brasil. O problema central é a produção de produtos religiosos, baseados em produtos do mundo profano, secular, não sagrado. Como uma estratégia de expansão do campo religioso, é possível observar o surgimento de quase todos os tipos de músicas, como rock, funk e heavy metal, com um conteúdo religioso feito para o fiel. Tal estratégia se orienta no sentido de satisfazer as necessidades criadas pelo mundo profano e manter o fiel no mundo sagrado com versões religiosas dos produtos profanos.

**Palavras-chave:** Música. Religião. Brasil. Funk. Heavy-metal.

## ABSTRACT

This text investigates the relationship between religion and music in Brazil. Its problem is the production of religious products based on the products of the profane, secular, non holy world. As an strategy of expansion of the religious field, it is possible to observe the appearing of almost all kinds of music, like rock, funk and heavy metal, with a religious content made for the believer. The objective of this strategy is to satisfy the needs created by the profane world and to keep the believer in the sacred world with religious versions of the profane products.

**Keywords:** Music. Religion. Brazil. Funk. Heavy-metal.

## 1 INTRODUÇÃO

Busca-se, neste artigo, levantar um debate sobre o fenômeno da apropriação religiosa dos produtos musicais do mundo não religioso. Dito de outra forma, trata-se de uma breve análise de como o mundo religioso, em especial o evangélico, faz uso da música, fenômeno onde todos os estilos musicais encontram espaço no mundo gospel. Ou seja, com um ritmo qualquer, mas com um conteúdo de louvação, é viável para qualquer artista atuar no mercado musical religioso.

Para tanto, foi utilizada a contribuição de diversos autores que tratam do tema religioso na sociologia, em especial, Durkheim, Weber e Bourdieu. Toda a análise é desenvolvida inspirada nas considerações weberianas de que o real não pode ser apropriado em sua totalidade (WEBER, 2004b). Assim, buscou-se não um esgotamento do problema, mas uma tentativa de explicação de como se dá a relação entre música e religião no Brasil.

As possíveis incompatibilidades teóricas entre os diversos autores utilizados, que poderiam ser levantadas, se suas teorias forem contempladas em sua totalidade e levadas às últimas consequências, não foram, e se tornaram um impedimento para este trabalho. O que se procurou foi o embasamento nas explicações aportadas por esses autores para os fenômenos empiricamente observados. Neste processo, os conceitos foram utilizados como ferramentas para se resolver esse ou aquele problema, sendo que cada ferramenta serviu para uma situação específica, sem que se problematizasse, nas dimensões de um artigo, a validade universal/total das mesmas.

A música, neste trabalho, tem importância central para se compreender as disputas no campo religioso e a formação da legitimação de um grupo perante outro. Assim, é aqui tomada como elemento central para que o fenômeno religioso aconteça da forma que acontece, em vez de ser apenas mero “pano de fundo” que “refletiria” algo que lhe é exterior. Desta forma, é uma análise a partir da música para se entender, em certa medida, a religião.

Quando nos referimos a um determinado tipo de música, como rock e heavy metal, por exemplo, estamos considerando apenas o ritmo, pois, os diversos estilos, como o heavy metal, são compostos por muito mais do que apenas um ritmo; são constituídos de uma temática e uma visão de mundo especial. Quando determinado ritmo é apropriado pela religião, mudando-se seu conteúdo, muda-se o estilo. Então, quando dizemos “heavy metal” evangélico, estamos levando em consideração apenas as semelhanças rítmicas. No momento em que entra para o mundo evangélico, toda composição passa a ser “música evangélica”. Assim, as relações construídas nesse trabalho levam em conta os termos “rock evangélico”,

“funk evangélico”, “heavy metal evangélico” (podendo-se usar gospel no lugar de evangélico) apenas para que se possa ter uma ideia de onde surgiu tal ritmo, do qual o mundo religioso se apropriou para criar suas próprias mercadorias.

## 2 RELIGIÃO NO BRASIL

Segundo Burdick (1998), há no Brasil basicamente três grupos religiosos em disputa: os católicos, os evangélicos e os umbandistas. Os católicos se subdividiriam entre os mais tradicionalistas e conservadores e aqueles chamados progressistas, ligados a uma ação politizada para mudanças na esfera sócio-política, cuja imagem é sempre associada às comunidades eclesiais de base. Próximo a estes, estariam as religiões de matriz africana, principalmente a Umbanda (sendo que os umbandistas costumam se considerar católicos, mesmo observando-se diferenças nítidas entre as formulações das duas confissões religiosas). No outro polo, fazendo uso da reconfiguração de algumas práticas da Umbanda e com um discurso proselitista, voltado para a rigidez da moral e da observância na conduta do fiel, estão os grupos protestantes, classificados como evangélicos, pentecostais e, às vezes, chamados também “igrejas eletrônicas”.

A disputa que se observa entre estes grupos é complexa, muitas vezes sutil, havendo dois níveis na relação indivíduo x religião: o institucional, voltado para a homogeneização das visões e das condutas religiosas dos fieis, e o individual, voltado para a história de vida de cada um, da história dos posicionamentos ao longo da vida, o que pode levar a um verdadeiro trânsito entre fieis de distintas religiões.

O embate dessas religiões por fieis, por poder, por capital simbólico e financeiro (BOURDIEU, 1982) é acirrado. Com base no que foi dito acima, Burdick (1998) nos mostra que os evangélicos levam vantagem quando se trata de crescer sobre amplos setores da população pobre. A vantagem católica progressista seria mais atraente para uma pequena parcela intelectualizada e esclarecida na população.

Nesse contexto, cada grupo tenta, de toda forma, conseguir mais fieis e lançam mão das mais diferentes estratégias.

Sanchis (2001) identifica dois tipos de dialéticas que agem simultaneamente no âmbito da religião no Brasil: um, que diz respeito às porosidades sincréticas, assim como Burdick (1998), que leva em consideração dois polos, o institucional e o individual; e outro, que se desdobra num processo histórico entre lógica racional e lógica afetiva (SANCHIS, 2001). Nessa segunda dialética, poder-se-ia identificar a Igreja Católica progressista, como

representante de um processo de racionalização e os evangélicos, por sua vez, como representantes de um processo de “afetivação” do mundo (com sua recuperação das *formas afro-religiosas*).

Nesse embate – e é o que interessa precisamente aos efeitos da presente reflexão –, uma das armas mais poderosas é a música, que possui diversas possibilidades de uso, detendo a capacidade de despertar sentimentos, podendo levar os indivíduos a estados de ritualização e vivência do coletivo. Pode também ser utilizada como elemento condicionador, por ser algo que sempre acompanha o indivíduo e que é capaz de ressoar em sua mente continuamente.

### 3 RELIGIÃO E MÚSICA

O primeiro sociólogo a tratar da relação entre música, sociedade e religião provavelmente foi Durkheim em *As formas elementares da vida religiosa* (1996). Nesta obra, apresentou uma possível gênese da música e do canto como forma de se exteriorizar o excesso de energia gerado pelos rituais, nos quais grandes grupos de pessoas se reuniam. Através de gritos e emissões sonoras desordenados produzidos por tamanha excitação da vivência coletiva, os indivíduos agrupados passavam a buscar uma ordenação desses sons até chegarem a uma harmonia, em cuja dinâmica todos poderiam fazer efetivamente parte da coletividade através da música. Neste contexto, é apresentada a gênese da própria religião, tanto representando a sociedade em sua forma exterior e coercitiva aos indivíduos, como servindo de sistema lógico para os mesmos.

Na sociedade ocidental contemporânea, a relação entre música, religião e sociedade se complexificou consideravelmente. Embora a música continue sendo utilizada como componente de inúmeros rituais sociais, foram desenvolvidas outras formas de relação com a mesma. O ato de ouvir música pode ser desde um descompromissado deleite da organização dos sons que um pianista executa – dir-se-ia um exercício de entretenimento... – até uma evocação de um sentimento de resistência de um grupo através de uma determinada canção. Bauer (2003) nos apresenta alguns posicionamentos de autores contemporâneos que entendem que a música pode ter tanto uma função pragmática (uso pessoal da ordenação sonora) como uma função social (uso da música como símbolo de um grupo).

Uma breve investigação empírica sobre religião no Brasil apresentaria uma série de situações curiosas. Basta ligar a televisão e passear pelos diversos canais para constatar a existências de “emissoras seculares” e “emissoras religiosas”.

Nos canais dito seculares, encontramos programas ligados à informação e entretenimento direcionados ao grande público, onde a religião pouco aparece, sendo mais comum em noticiários do que na programação normal. De outro lado, temos os canais ditos religiosos, onde encontramos programas voltados, também, para a informação e o entretenimento do crente, mas, além disso, são predominantes os programas voltados para a evangelização. E há, ainda, canais como a Record, definitivamente evangélica, mas que nem por isso deixa de manter uma programação para concorrer com as demais emissoras não evangélicas, apresentando, inclusive, programas voltados especificamente para o público não crente.

Além desse conteúdo da TV evangélica, que se mostra diferente da TV não evangélica, podemos nos referir aqui a outros fatores relevantes para a análise. Nas emissoras evangélicas, não temos apenas uma programação voltada para o crente, mas todo um conteúdo especificamente criado para este, desde as propagandas até, é claro, a música. Neste contexto, a música não se apresenta apenas como fundo para despertar nos indivíduos certos sentimentos (função pragmática). É, também, utilizada como peça central para a promoção da sua forma de Cristianismo, ou seja, as canções, os grupos, as letras, tudo possui um tema voltado para a evangelização (função social), para fazer uso das categorias de Bauer (2003).

Procurando ir um pouco mais a fundo, percebemos a configuração de um mundo evangélico, onde é possível consumir quase todos os produtos de que um indivíduo sinta necessidade com o “rótulo” evangélico. Dito de outra forma, para uma boa parte, em todos os produtos de que fazemos uso, existiria a sua “contraparte” evangélica. São livros, bebidas, roupas, grupos musicais, entre muitas outras coisas que querem levar o rótulo evangélico. Com relação à música, isso se apresenta de forma curiosa: é possível encontrar quase todos os estilos representados no gospel, desde baladas, rock, heavy metal, funk e até axé são produzidos ou parodiados para os crentes. Apenas para efeito de exemplo, temos desde os trabalhos do cantor Adriano Gospel Funk na canção *Chuta que é laço* (2005):

Conte de um até três  
Antes de partir pro abraço  
Se não for benção de Deus  
Sai correndo que é laço  
A embalagem é bonita mas tenho que analisar  
Se for de Deus eu abraço  
Se não for chuta que é laço(...)

Ela passou do meu lado  
Feito uma bala perdida  
Com aquela mini saia e de piercing na barriga  
Eu olhei e gritei "nossa essa eu vou evangelizar"

vou levar pra minha igreja pro meu pastor doutrinar"  
Mas quando estava tudo armado pra poder partir por abraço  
Meu amigo deu um berro " dá um bico que é laço" [...]

Para, para, para tudo  
Atenção, concentração,  
Pra titio não vou ficar  
Atenção, concentração  
Salmo 40 vou esperar

até o "heavy metal" do Oficina G3 (1994) com versos como da canção *Deus eterno*:

Ó Deus, tu és o meu Deus forte e a minha fortaleza  
Minha alma tem sede de Ti Senhor.  
Com júbilo nos lábios te louvo, ó meu Rei  
Debaixo de tuas asas encontro abrigo

Te louvo e te bendigo  
Porque és bendito, ó Senhor glórias ao Deus eterno [...]  
Eterno, Eterno, ao Deus eterno [...]

Não é difícil visualizar a operacionalidade do modelo teórico de Durkheim, quando o aplicamos a essa peculiaridade evangélica, em cujo âmbito praticamente tudo leva o rótulo da religião. As pessoas parecem buscar essa "forma" religiosa em tudo, sendo que o mundo só faria sentido através do sistema lógico religioso que organiza o mundo do crente.

Por outro lado, de um ponto de vista de quem faz a música evangélica, a partir do referencial weberiano, podemos supor que este pode estar agindo: a) de forma utilitarista, executando uma ação racional referente a fins (WEBER, 2004b), no sentido de alcançar o mercado consumidor evangélico em busca de lucro; b) guiado por pura execução da ética religiosa, executando uma ação racional referente a valores (*idem*); c) orientado por um esquema mais complexo onde a religião desenvolve certas disposições no grupo evangélico que acaba permitindo que os indivíduos possam, através da busca do lucro, cumprir uma meta especificamente religiosa, como é o caso da predestinação e vocação protestante (WEBER, 2004a), o que se ajusta ao caso de músicos que entram no mercado fonográfico evangélico e percebem o sucesso social e financeiro como um indício da graça divina, o que impede que sejam vistos como músicos que apenas visam dinheiro.

Curiosamente, fazendo um contraponto, se no caso evangélico, aparentemente, qualquer um pode ganhar a vida com músicas religiosas, no mundo católico, parece que essa legitimidade musical tende a se destinar aos padres cantores, como é o caso dos padres Marcelo Rossi, Fábio de Melo e outros. Por serem altamente legitimados no campo religioso, esses padres parecem ter adquirido uma notável capacidade de converter respeito religioso em

respeito musical perante o fiel. A música é, para o sacerdote cantor, instrumento da pregação, meio de se chegar e de se conectar ao fiel, pois, sendo ele agente da Igreja, os lucros alcançados pela atividade musical seriam destinados à sua respectiva instituição eclesiástica e utilizado em suas obras, o que eliminaria que a sua entrada no meio musical seja vista como algo voltado para a satisfação de projetos individuais.

Do ponto de vista das instituições que promovem esse mercado, a análise de Bourdieu sobre a religião nos dá ferramentas para tratar o problema. Um dos conceitos centrais de Bourdieu é *habitus*, definido pelo autor como “sistemas de *disposições* duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas” (BOURDIEU, 2009, p. 87).

Podemos dizer que a música desempenha um papel importante no *habitus religioso*, em parte porque, no nosso ponto de vista, não há meio melhor para se “interiorizar a exterioridade” socialmente construída por esse grupo, nem há meio melhor para se “exteriorizar a interioridade” interior aos indivíduos senão através da música. Assim sendo, a música pode ser entendida como componente desse *habitus religioso* vital para a sua reprodução.

Outro conceito central em Bourdieu, que se mostra fecundo neste tipo de reflexão é o de *campo*. Inspirado no arcabouço de Weber, correspondente às esferas de sociabilidade, Bourdieu define o campo como espaço estruturado de posições e tomadas de posições. O *campo* seria sempre um âmbito de conflito no qual os agentes estariam o tempo todo disputando para se legitimarem (acumularem capital) no mesmo. Assim, Bourdieu (2011) entende que existem diversos *campos* no espaço social, cada um, relativamente, autônomo funcionando com suas regras específicas e com seu próprio tipo de capital.

Percebe-se, sem dificuldade, uma disputa no *campo* religioso pelo capital religioso em vários níveis. A utilização da música, como meio de evangelização, pode servir à disputa pelo capital econômico, social, cultural e simbólico, sendo que este último seria a junção de todos os capitais que conferem legitimidade no espaço social (*idem*).

O ato de investir pesado em meios de comunicação de massa, como acontece no caso da TV Record, é uma estratégia que vem se mostrando exitosa como forma de propaganda. Uma vez que a cultura passa tão vigorosamente pelos meios de informação de massa para sua manutenção, alteração e difusão, o constante reforço da religião sobre o fiel através desses meios permite o contato com as formas simbólicas desse mundo diariamente. A religião, assim, necessita não apenas passar pela música, mas também pela *cultura midiaticizada* (THOMPSON, 1995).



Além disso, um mercado evangélico forte necessita de seus “heróis” para que o “aqueça”. Ou seja, é necessário um grupo de indivíduos de alto nível que possa suprir o mercado evangélico do que ele necessita para ser possível manter as pessoas no “mundo religioso” sem que tenham necessidade de sair dele. Por sua vez, instituições religiosas financeiramente fortes detêm um maior poder de investir em meios de comunicação de massa, em propaganda de seu grupo, o que permite uma maior expressão da religião no cotidiano da população e, fatalmente, serve para legitimar um grupo religioso frente aos outros; ou seja, permite um maior controle sobre o capital simbólico (BOURDIEU, 1982).

Dessa forma, a música passa a ser fundamental para a disputa pelo capital no campo religioso. Este parece ser um processo executado por todos os grupos: dos católicos com as músicas de padres como Marcelo Rossi, Fábio Melo e outros, aos adeptos do candomblé, no carnaval da Bahia, com músicas que evocam a cultura afro com referência aos seus deuses, sua teogonia, seu ideário e língua.

Parece certo dizer que a forma não impede a inserção do conteúdo nessa questão. Com relação às músicas evangélicas, tudo parece ser passível de ser incorporado, mesmo o funk carioca, com sua simbologia, comumente, associada, de forma preconceituosa, apenas ao vulgar, ao sexo, ao baixo corporal bakhtiniano, ao negro pobre favelado e ao crime, consegue ser aceito nesse processo de releitura e incorporação, no qual a música ganha nova simbologia e um conteúdo, uma letra de louvação/evangelização, como se pode perceber no caso do cantor Adriano Gospel Funk (2005).

Entretanto, a presença de uma vertente do heavy metal na música evangélica, como é o caso do grupo Oficina G3 (1994), é provavelmente o mais controverso exemplo desse processo de apropriação de outros repertórios pelo mundo religioso.

O heavy metal sempre foi famoso por evocar todo tipo de simbologia anticristã, fazendo até mesmo uso de um discurso abertamente satanista em alguns casos, principalmente no segmento chamado de metal extremo.

Por sua vez, a sociologia contemporânea, em seus estudos sobre o heavy metal, entende que o heavy metal constitui uma contracultura estruturada com base em uma bricolagem, na qual este estilo se coloca como a antítese simbólica do que é tido como norma dentro da sociedade contemporânea. Por este motivo, produz-se uma estética com um novo ideário de belo e uma nova simbologia religiosa contrária à norma hegemônica. Em função disso, por muito tempo se acreditou que haveria um satanismo real no heavy metal, enquanto os estudos recentes apontam para uma bricolagem, pelo menos na grande maioria dos casos (JANNOTTI, 2004).

O heavy metal surgiu como uma música dos excluídos, dos feios e dos pobres, daqueles que não se encaixavam no mundo e que não se viam representados na norma social. Por isso, o metal foi se organizando em torno da bricolagem, construindo um novo “sistema simbólico”, no qual aquilo que era visto como o oposto da norma regular passou a ser a base para essa nova norma do heavy metal. Não por outro motivo, enquanto “sistema lógico”, o metal passou a se apropriar também dos símbolos religiosos à sua maneira, construindo uma nova ordem simbólica com base no que era tido como o oposto da norma religiosa; por isso as referências que ficaram interpretadas como satanismo.

Entretanto, enquanto parte do repertório do heavy metal se apropria de elementos do Cristianismo e constroi uma nova ordem simbólica, sacralizando o oposto do sagrado na ordem cristã, a incorporação do repertório do heavy metal no universo da música evangélica parece desfazer esse processo, quase que operando uma “contra-bricolagem”. É certo que esse processo se limitaria, principalmente, ao conteúdo das letras, pois, no caso do heavy metal, a bricolagem não é desfeita por completo. Um exemplo disto é que a distorção continua sendo percebida como uma nova ordem musical, constituinte de um novo parâmetro estético hegemônico no interior do heavy metal.

Dessa forma, torna-se nítido que o mundo religioso produz um movimento de apropriação de quase tudo do mundo secular, adequando o que pode ao sistema simbólico religioso. Tal fenômeno se encontra em harmonia com a interpretação de Bourdieu (1982), quando debate a tese de Durkheim (1996) de que os indivíduos necessitariam da lógica religiosa para explicar o mundo, mesmo que as questões sejam de outra ordem (como econômica). Essa interpretação parece se reforçar em função da forte aceitação dos cristãos a este fenômeno, no qual o secular é reinterpretado na lógica religiosa, ou simplesmente assume seu rótulo.

Por este motivo, a música evangélica – ou qualquer música religiosa – parece estar contida no seu respectivo campo religioso. Para se legitimar, o músico religioso precisa obedecer às regras desse campo. Talvez haja interseção entre o campo religioso e o campo da música nestes casos, mas o campo religioso parece se impor mais fortemente perante seus artistas e públicos. Assim, a legitimidade do músico voltado para a música religiosa tende a estar intimamente relacionada, prioritariamente, à sua legitimidade religiosa. Desta forma, há agentes que fazem parte do mercado religioso musical, mas não conseguem se legitimar plenamente por não estarem de acordo com as regras do campo religioso. É o caso dos funkeiros evangélicos que são recebidos com desconfiança por outros crentes, por não serem vistos como cristãos zelosos das regras de condutas morais contidas na Bíblia. Por outro lado,

no polo oposto, os padres, altamente legitimados no campo religioso, conseguem facilmente se legitimar como músicos, convertendo de maneira eficaz a sua legitimidade moral religiosa em legitimidade musical religiosa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de expansão do mundo religioso, observa-se um movimento de incluir num rótulo religioso praticamente tudo o que não o integra(va), construindo uma quantidade tão grande de produtos religiosos que hoje já é possível se suprir de quase qualquer coisa, sendo ela material ou simbólica, sem ter que recorrer ao mundo profano.

Na disputa pelo fiel, os diferentes grupos religiosos fazem mão de todos os artifícios para conseguirem uma maior legitimidade de sua religião, ou seja, estes esforços se apresentam como uma forma de propagação religiosa.

Assim, a música possui papel vital nessa disputa, tanto por ser uma forma formidável de se propagandear uma doutrina como também uma forma de se levantar recursos para uma instituição religiosa.

Dessa forma, fica exposto, aqui, que música e religião encontram-se ligadas na atualidade, como sempre estiveram ao longo da história das sociedades. A religião, fazendo uso da música para crescer e os músicos, fazendo uso da religião para alcançar o sucesso, com o intuito religioso ou utilitarista.

São estes elementos que permitem a construção de fenômenos como a grande expansão musical no mundo gospel (evangélico) e a visível segmentação do mundo musical secular e o religioso.

#### REFERÊNCIAS

ADRIANO GOSPEL FUNK. **Chuta que é laço!** Rio de Janeiro: AB Records. 2005. 1 CD.

BAUER, M. W. Análise de Ruído e Música com Dados Sociais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. cap. 15, p. 365-389.

BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas.** 2. ed. [S.L.]: Editora Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. **O senso prático.** Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2011.

BURDICK, J. **Procurando Deus no Brasil**: a igreja progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras. Rio de Janeiro: Mauad. 1998. p. 11-57.

DURKHEIM, È. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martin Fontes. 1996.

JANOTTI JUNIOR, J. **Heavy metal com dendê**: rock pesado e mídia em tempos de globalização. Rio de Janeiro: E-papers, 2004. v.1.

OFICINA G3. **Nada é tão novo, nada é tão velho**. São Paulo: Aliança Produção. 1994, 1 CD.

SANCHIS, P. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Fiéis & Cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: ed uerj. 2001. p. 10-57.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução de Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret. 2004.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed., v.1, São Paulo: UnB/Impressãofissial. 2004.